RESUMO
A finalidade deste artigo é analisar e compreender a importância do Ensino de Artes Visuais na vida dos alunos, destacando especialmente o papel fundamental das contribuições de um professor capacitado nesse processo formativo. Parte-se do pressuposto de que a educação estética e sensível constitui dimensão essencial do desenvolvimento humano, pois, por meio das Artes Visuais, as crianças ampliam significativamente suas capacidades de expressão, comunicação, criatividade e percepção crítica do mundo que as cerca. Nesse sentido, essa área do conhecimento se configura como uma relevante forma de linguagem na primeira infância, favorecendo não apenas a construção de habilidades artísticas, mas também o desenvolvimento cognitivo, emocional e social do estudante. Entretanto, para que tal potencial formativo se concretize de maneira efetiva, torna-se indispensável que a prática pedagógica seja constantemente repensada, ressignificada e aprimorada à luz de abordagens metodológicas contemporâneas e inclusivas. Isso implica reconhecer a necessidade de formação continuada dos educadores, de modo que estejam preparados para atuar de forma sensível, crítica e criativa, promovendo experiências significativas de aprendizagem. Assim, o ensino de Artes Visuais deixa de ser entendido como atividade complementar e passa a ocupar posição central na formação integral do aluno, contribuindo para a construção de sujeitos mais reflexivos, sensíveis, autônomos e capazes de interpretar e transformar a realidade em que vivem.

PALAVRAS-CHAVE: Artes-visuais. Educação Infantil. Arte-educação.

ABSTRACT
The purpose of this article is to analyze and understand the importance of Visual Arts Education in students' lives, highlighting especially the fundamental role of a qualified teacher's contributions in this formative process. It is assumed that aesthetic and sensitive education constitutes an essential dimension of human development, since, through Visual Arts, children significantly expand their abilities in expression, communication, creativity, and critical perception of the surrounding world. In this sense, this field of knowledge is established as a relevant form of language in early childhood, fostering not only the construction of artistic skills but also the cognitive, emotional, and social development of the student. However, for such formative potential to be fully realized, it becomes indispensable that pedagogical practice is constantly reconsidered, redefined, and improved in light of contemporary methodological contemporary and inclusive. This implies recognizing the need for ongoing training of educators, so that they are prepared to act in a sensitive, critical, and creative manner, promoting meaningful learning experiences. Thus, the teaching of Visual Arts ceases to be understood as a complementary activity and comes to occupy a central position in the comprehensive development of students, contributing to the formation of more reflective, sensitive, autonomous individuals who are capable of interpreting and transforming the reality in which they live.

KEYWORDS: Visual Arts; Early Childhood Education; Art Education.

INTRODUÇÃO

As Artes Visuais e o conhecimento da imagem ocupam um lugar de grande relevância na Educação Infantil, pois dialogam diretamente com o desenvolvimento integral das crianças. Não se trata apenas de aprender a desenhar ou pintar, mas de vivenciar experiências que envolvem os aspectos cognitivos, afetivos, motores e perceptivos. Por meio da Arte, a criança encontra um espaço seguro para expressar sentimentos, lidar com conflitos internos e compartilhar emoções que muitas vezes não consegue traduzir em palavras. Esse processo fortalece sua capacida-

de de comunicação e a ajuda a compreender melhor o mundo que a cerca.

Quando a criança mergulha em práticas artísticas, ela vivencia muito mais do que o simples prazer de criar. A Arte abre portas para a descoberta de si mesma e para a interação com os outros. Ao mostrar um desenho para o colega, trocar ideias sobre cores ou construir uma escultura coletiva, a criança aprende a dialogar, a cooperar e a atribuir significados em conjunto. Assim, cada criação deixa de ser apenas uma produção individual e passa a ser também uma experiência de convivência, respeito e partilha.

É importante destacar que a Arte na Educação Infantil não deve ser reduzida a passatempo ou enfeite para murais escolares. Ela é, sobretudo, um recurso pedagógico potente, que proporciona aprendizagens significativas. Ao explorar tintas, formas, gestos, sons e imagens, as crianças desenvolvem o pensamento crítico, exercitam a sensibilidade estética e aprendem a resolver problemas de forma criativa. Nesse caminho, constroem conhecimento sobre si mesmas, sobre as pessoas ao redor e sobre o mundo em sua complexidade.

O papel do educador é fundamental nesse processo. Mais do que oferecer materiais, ele atua como mediador, criando situações de aprendizagem que despertam curiosidade e incentivam a experimentação. É o professor quem estimula o imaginário, acolhe as expressões individuais e transforma cada atividade em uma oportunidade de descoberta. Ao planejar propostas que integrem o lúdico, a criatividade e a interação social, o educador contribui para que as crianças desenvolvam autonomia, aprendam a pensar de forma crítica e atribuam sentido ao que fazem.

As múltiplas linguagens da Arte — pintura, desenho, modelagem, música, teatro e dança — ampliam o repertório simbólico da criança, oferecendo experiências diversificadas que enriquecem sua expressão. Ao lidar com diferentes suportes e técnicas, ela se prepara para enfrentar situações novas, fortalecendo competências que ultrapassam a prática artística. Entre essas competências estão a capacidade de se comunicar melhor, lidar com as próprias emoções, conviver de forma saudável em grupo e enxergar o mundo com mais sensibilidade e criatividade.

Este artigo tem como objetivo refletir sobre a relevância do ensino de Artes Visuais na Educação Infantil, a partir de uma pesquisa bibliográfica que envolveu a análise crítica de livros, artigos e estudos especializados. A intenção é compreender de que forma a Arte contribui para o desenvolvimento integral, criativo e crítico das crianças, reafirmando seu papel essencial no processo educativo e na formação de sujeitos mais conscientes, sensíveis e preparados para os desafios da vida.

HISTÓRIA DO ENSINO DE ARTE

A Arte sempre acompanhou a trajetória da humanidade, presente em praticamente todas as culturas e civilizações como forma de expressão, registro histórico e transmissão de conhecimento. Desde as manifestações rupestres até as mais recentes formas de expressão contemporânea, a Arte desempenhou papel central na formação cultural e estética do indivíduo. Historicamente, o ensino de Arte se consolidou como processo de aprendizagem sistemático, transmitido de geração em geração, refletindo as necessidades, valores e concepções de cada época.

No Brasil, o ensino de Arte passou por diversas transformações, influenciado por contextos sociais, políticos e pedagógicos. Ferraz e Fusari (2009) afirmam que, assim como outras áreas do conhecimento, a Arte se desenvolveu a partir de mobilizações sociais, políticas e filosóficas, associadas a teorias estéticas e pedagógicas que orientaram sua prática educativa. O surgimento de instituições como a Escola de Belas Artes do Rio de Janeiro, o Conservatório Dramático de Salvador e a presença de artistas europeus foi determinante para profissionalizar o ensino artístico, promovendo formação técnica e estética aos futuros educadores e artistas.

No século XX, o movimento modernista, especialmente a Semana de Arte Moderna de 1922, marcou um ponto de inflexão na história da Arte no Brasil. Esse evento reuniu música, dança, literatura, pintura e escultura, valorizando a inovação, a liberdade de expressão e a criatividade, e influenciou

profundamente a educação artística. Segundo Pimentel (1999), após a Semana de 1922, surgiram tendências pedagógicas que, por um lado, enfatizavam a técnica do desenho e, por outro, valorizavam a expressão infantil, contribuindo para o desenvolvimento de metodologias que equilibrassem técnica, criação e apreciação estética.

O ensino de Arte no Brasil reflete diferentes concepções pedagógicas e filosóficas, evidenciando a influência de tendências tradicionalistas e escolanovistas ao longo do século XX. A Lei nº 4024 de 1961, que estabeleceu diretrizes para a Educação Básica, integrou a disciplina de Arte ao currículo, consolidando sua função educativa e substituindo o Canto Orfeônico pela Educação Musical. Já a Constituição de 1988 reforçou a importância da Arte, permitindo que se tornasse obrigatória e reconhecida como componente essencial no desenvolvimento integral do aluno.

Ferraz e Fusari (2009) destacam que a Arte constitui instrumento de humanização, permitindo aos indivíduos interagir com o mundo, compreendê-lo e desenvolver criatividade e pensamento crítico. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) reforçam a obrigatoriedade da Arte na Educação Básica, enfatizando sua função na percepção estética, criação artística e ampliação do repertório cultural, possibilitando ao aluno integrar percepção, imaginação, pensamento crítico e expressão pessoal.

O ENSINO DE ARTE

O Ensino de Arte é relativamente recente como disciplina obrigatória no currículo escolar brasileiro, porém sua relevância pedagógica já é amplamente reconhecida por educadores e pesquisadores. Mais do que um componente complementar, ele constitui um campo de conhecimento que envolve diferentes linguagens — Artes Visuais, Música, Teatro e Dança — e que contribui diretamente para o desenvolvimento estético, criativo, cognitivo e cultural dos estudantes. Ao vivenciar experiências artísticas, o aluno passa a perceber o mundo de forma mais sensível e crítica, compreendendo melhor o contexto social, histórico e cultural em que está inserido. Esse processo favorece não apenas a aprendizagem escolar, mas também a formação de sujeitos capazes de interpretar a realidade, expressar ideias e sentimentos e dialogar com diferentes perspectivas.

A prática artística coletiva exerce papel fundamental nesse percurso formativo, pois estimula a socialização, o respeito às diferenças e o trabalho colaborativo. Em atividades em grupo, os estudantes aprendem a ouvir o outro, negociar ideias, compartilhar materiais e construir produções conjuntas, desenvolvendo habilidades socioemocionais essenciais para a vida em sociedade. Além disso, a Arte amplia horizontes ao proporcionar experiências que ultrapassam os limites da sala de aula, conectando o conhecimento escolar ao cotidiano e à vivência cultural dos alunos. Apesar disso, ainda é comum que o ensino de Arte seja reduzido a momentos recreativos ou a práticas voltadas apenas ao relaxamento, sem planejamento pedagógico estruturado. Barbosa (2003) chama a atenção para esse equívoco ao afirmar que, quando tratada somente como expressão emocional, a Arte perde parte de sua função educativa, tornando-se necessário integrá-la a processos de construção do conhecimento, reflexão crítica e desenvolvimento intelectual.

Nesse sentido, o ensino de Arte precisa ser compreendido como um espaço de investigação e produção de sentidos. Ele deve possibilitar que o estudante observe, análise, questione e interprete manifestações culturais diversas, compreendendo que toda obra artística é fruto de um tempo, de uma sociedade e de valores específicos. O professor assume, então, o papel de mediador desse processo, planejando propostas que dialoguem com a faixa etária, com o repertório cultural dos alunos e com os objetivos de aprendizagem. Para isso, é fundamental que o docente possua formação adequada, domínio das linguagens artísticas e sensibilidade para incentivar a invenção, a experimentação e a reflexão. Não se trata apenas de ensinar técnicas, mas de criar condições para que o estudante descubra possibilidades expressivas e construa significados próprios.

A interdisciplinaridade constitui outro aspecto essencial. A Arte dialoga de maneira natu-

ral com diferentes áreas do conhecimento: pode contribuir para a compreensão de períodos históricos, auxiliar na visualização de conceitos matemáticos, enriquecer a interpretação de textos e ampliar a capacidade argumentativa. Quando articulada a outras disciplinas, ela deixa de ser percebida como um conteúdo isolado e passa a integrar o processo educativo de forma orgânica, fortalecendo a aprendizagem significativa. Essa integração favorece a percepção global do conhecimento e demonstra ao aluno que saberes distintos podem se complementar.

Entre as práticas pedagógicas que concretizam essa proposta estão atividades como a criação de murais coletivos, a construção de maquetes temáticas, dramatizações de narrativas literárias, experimentações sonoras com objetos do cotidiano, pinturas colaborativas em grandes superfícies, exploração de texturas, cores e formas, além da leitura e análise de obras de arte acompanhadas de discussões sobre seus significados e contextos culturais. Essas experiências possibilitam que o estudante relacione teoria e prática, articulando aspectos sociais, cognitivos e emocionais. Ao mesmo tempo, ampliam seu repertório cultural e fortalecem sua autonomia criativa.

Dessa forma, o papel do professor torna-se estratégico na promoção de experiências realmente significativas. Cabe a ele selecionar metodologias, organizar o tempo e os recursos, propor desafios e incentivar a participação ativa dos alunos. Uma formação docente consistente e contínua é indispensável para que o ensino de Arte seja efetivamente valorizado e integrado ao currículo escolar, deixando de ocupar um lugar secundário. Quando trabalhada com intencionalidade pedagógica, a Arte transforma a sala de aula em um espaço de descoberta, diálogo e expressão, contribuindo para a formação integral do estudante e para o desenvolvimento de sujeitos críticos, sensíveis e criativos, capazes de compreender e transformar a realidade em que vivem.

O ENSINO DE ARTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Historicamente, o ensino de Arte na Educação Infantil foi marcado por práticas pouco abertas à expressão genuína das crianças. Durante muito tempo, predominou uma visão pedagógica que valorizava atividades mecânicas e padronizadas — como ligar pontos, colorir dentro de limites rígidos ou copiar modelos prontos — nas quais o professor controlava todas as etapas e o aluno apenas reproduzia instruções. Esse modelo reduzia a Arte a um exercício técnico e disciplinador, desconsiderando que a infância é justamente o período em que a imaginação, a curiosidade e a sensibilidade estão mais intensas. Ao limitar a participação criativa, tais práticas impediam que a criança explorasse materiais, experimentasse possibilidades e desenvolvesse sua própria forma de expressão.

Com as transformações nas concepções educacionais ao longo das últimas décadas, especialmente a partir das contribuições das teorias sociointeracionistas, passou-se a compreender que a aprendizagem artística não ocorre pela repetição, mas pela vivência, pela interação e pela construção de sentidos. Nessa perspectiva, a Arte deixa de ser vista como atividade secundária e passa a integrar um processo que articula produção, apreciação e reflexão crítica. Os Parâmetros Curriculares Nacionais reforçam essa ideia ao orientar que a escola deve garantir o acesso dos alunos à produção artística enquanto manifestação histórica e social, possibilitando tanto criações individuais quanto coletivas. Assim, a criança não apenas faz arte, mas aprende a pensar sobre ela, reconhecendo que toda manifestação artística carrega valores culturais, memórias e visões de mundo.

Diversos estudiosos da área defendem a chamada alfabetização estética, conceito que ressalta a importância de ensinar a criança a observar, interpretar e atribuir significados às imagens e manifestações visuais que a cercam. Entre essas contribuições, destaca-se a proposta da Ana Mae Barbosa, que desenvolveu a conhecida Metodologia Triangular. Essa abordagem integra três dimensões fundamentais: a leitura de obras de arte, o conhecimento de seus contextos históricos e culturais e a produção artística. Ao articular esses elementos, o ensino deixa de ser fragmentado e passa a promover experiências completas, nas quais a criança experimenta materiais, analisa imagens,

faz perguntas, expressa opiniões e constrói interpretações próprias. Mais do que aprender técnicas, ela desenvolve autonomia intelectual, senso crítico e sensibilidade estética. Na prática pedagógica, isso significa oferecer situações variadas e significativas.

Dramatizações de histórias infantis permitem que as crianças explorem emoções, linguagem corporal e narrativa; atividades de pintura com tintas, argila, tecidos ou materiais recicláveis ampliam a percepção sensorial e a coordenação motora; oficinas musicais com instrumentos simples estimulam ritmo, escuta e cooperação; experiências com dança favorecem consciência corporal e expressão de sentimentos; visitas a exposições ou mostras culturais aproximam os pequenos do patrimônio artístico; e exercícios de observação do entorno — como analisar cores, formas e sons presentes no cotidiano — ajudam a transformar a realidade em fonte de criação. Essas propostas, quando planejadas com intencionalidade pedagógica, transformam o fazer artístico em uma experiência rica, prazerosa e formativa.

Outro ponto essencial é compreender que a Arte, na Educação Infantil, não se limita ao produto, mas valoriza o processo. O desenho, a pintura ou a encenação não precisam resultar em algo "bonito" segundo padrões adultos; o mais importante é o percurso vivido pela criança: as escolhas que fez, as descobertas que realizou, as perguntas que surgiram e as emoções que experimentou. Quando o educador observa e acompanha esse processo, consegue perceber avanços no desenvolvimento cognitivo, social e afetivo, utilizando essas informações para planejar novas intervenções pedagógicas.

A presença constante da Arte desde os primeiros anos escolares contribui para que a criança aprenda a "ler o mundo" de múltiplas maneiras — por imagens, sons, movimentos e símbolos. Essa familiaridade com o universo visual e sensorial fortalece habilidades de interpretação, imaginação e pensamento crítico, permitindo que ela compreenda melhor o ambiente em que vive e se reconheça como participante ativa da cultura. Em outras palavras, a Arte não é apenas um conteúdo escolar, mas um caminho para formar sujeitos sensíveis, criativos e conscientes, capazes de dialogar com a diversidade de expressões humanas e de construir significados próprios ao longo da vida.

ALFABETIZAÇÃO VISUAL E A IMAGEM EM SALA DE AULA

A presença de imagens acompanha a humanidade desde a pré-história, sendo utilizadas para registrar, interpretar e comunicar experiências. Dondis (1997, p.7) ressalta que "a experiência visual humana é fundamental no aprendizado, pois permite compreender o ambiente e reagir a ele". A alfabetização visual, portanto, é indispensável para desenvolver a capacidade de interpretar e compreender mensagens visuais de forma crítica e consciente.

Além de aprimorar a percepção e inteligência visual, a alfabetização visual oferece habilidades essenciais para a participação social, permitindo que indivíduos interpretem sinais visuais de maneira crítica e informada. Professores capacitados podem estimular desde cedo a análise das imagens, preparando crianças e adolescentes para a leitura do mundo visual e para tomadas de decisão conscientes.

Atividades práticas de alfabetização visual incluem: interpretação de charges e ilustrações, criação de histórias a partir de imagens, análise de propagandas, uso de jogos visuais que desenvolvam percepção de formas e cores, e exercícios de composição plástica que estimulem criatividade e resolução de problemas visuais.

O LÚDICO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A alfabetização marca o início de um importante processo de formação intelectual, social e emocional da criança, e tem na escola o seu principal espaço de descoberta e crescimento. Por isso, essa fase não deve ser vista apenas como mais uma etapa da vida escolar, mas sim como um momento especial, cheio de significados e oportunidades. É nessa fase que a criança desperta para o mundo das palavras, das ideias e das emoções — e o papel do professor é essencial para tornar esse percurso prazeroso e inspirador.

As salas de aula precisam ser vivas, dinâmicas e constantemente renovadas, oferecen-

do estímulos que despertem a curiosidade e o encantamento dos alunos. O professor, ao assumir uma postura criativa e flexível, torna-se capaz de transformar o aprendizado em uma experiência envolvente. O uso do lúdico — por meio de jogos, histórias, músicas, dramatizações e brincadeiras — é uma ferramenta poderosa que une o ensinar e o aprender de forma natural e significativa. Essas práticas jamais devem ser deixadas de lado, pois são nelas que a criança encontra espaço para experimentar, errar, acertar e, sobretudo, aprender com alegria.

A escola, nesse contexto, tem o papel de criar um ambiente alfabetizador rico em possibilidades, onde as atividades lúdicas contribuam para o desenvolvimento da autonomia e da confiança das crianças. Quando brincam, elas constroem conhecimentos, ampliam a linguagem, fortalecem vínculos e desenvolvem aspectos cognitivos, motores e socioemocionais — elementos indispensáveis para o progresso da personalidade e do aprendizado integral.

No cotidiano escolar, os professores buscam constantemente novas formas de ensinar, procurando tornar as aulas mais atrativas e significativas. Aliar o prazer e o divertimento à aprendizagem é um desafio, especialmente porque cada criança possui interesses, ritmos e necessidades diferentes. Ainda assim, é possível — e necessário — encontrar caminhos que tornem o ensino mais leve e interessante, respeitando as particularidades de cada grupo e de cada indivíduo.

As atividades lúdicas voltadas à alfabetização e ao ensino da língua materna são especialmente eficazes, pois permitem que o aluno aprenda brincando, unindo o prazer de descobrir ao ato de compreender. Nelas, o saber e o fazer se complementam, dando sentido à aprendizagem e transformando o conhecimento em algo concreto e prazeroso.

Compreendo que o processo de alfabetização deve acontecer de maneira prazerosa, participativa e construtiva. A ludicidade, quando bem conduzida, torna-se uma estratégia essencial para o desenvolvimento infantil e para a aquisição das habilidades formais, ajudando a formar leitores e escritores autônomos, curiosos e apaixonados pelo conhecimento. É brincando, descobrindo e interagindo que a criança aprende — e é nesse movimento que a alfabetização se torna, de fato, uma experiência transformadora.

Por meio de uma aula lúdica, o aluno é estimulado a desenvolver sua criatividade e não a produtividade, sendo sujeito do processo pedagógico. Por meio da brincadeira o aluno desperta o desejo do saber, a vontade de participar e a alegria da conquista. Quando a criança percebe que existe uma sistematização na proposta de uma atividade dinâmica e lúdica, a brincadeira passa a ser interessante e a concentração do aluno fica maior, assimilando os conteúdos com mais facilidades e naturalidade. (KISHIMOTO, 1994).

O lúdico tem um papel essencial na infância: ele fortalece a autoestima da criança, estimula a convivência com os colegas e cria oportunidades ricas de aprendizagem e desenvolvimento das capacidades cognitivas. Brincar é um caminho de descobertas — um meio pelo qual a criança explora o desconhecido, experimenta, imagina e revela segredos do mundo à sua volta.

A criança brinca o tempo todo, com tudo o que está ao seu alcance. Um lápis pode virar avião, um sapato pode ser carrinho, e até o próprio corpo se transforma em brinquedo. O brincar é, portanto, uma linguagem natural da infância — é assim que a criança se expressa, se movimenta e se posiciona diante da vida. Na alfabetização e no letramento, o brincar vai além da simples diversão: ele ganha um sentido pedagógico, intencional e cheio de significado, tornando-se uma ferramenta poderosa para o aprender.

Por meio dos desafios lúdicos, as professoras estimulam o pensamento, despertam a curiosidade e incentivam o raciocínio, ajudando a criança a alcançar níveis de desenvolvimento que só o interesse e o prazer pelo aprender podem proporcionar. A alfabetização e o letramento acontecem de forma contínua e natural, e quando o lúdico está presente no cotidiano escolar — seja nas atividades planejadas, nas brincadeiras livres ou nos momentos de convivência — ele desperta nas crianças o gosto pela escola e pelo aprendizado.

O brincar transforma a sala de aula em um

espaço de experimentação, criatividade e descobertas, onde o aprender acontece de forma leve, alegre e significativa. No contexto da Educação, o lúdico deve ser reconhecido como um elemento de transformação social, pois contribui diretamente para a formação integral das crianças, desenvolvendo sua autonomia, imaginação, cooperação e pensamento crítico.

Assim, o brincar deixa de ser apenas um momento de lazer e se torna uma ponte entre o prazer e o conhecimento — um elo essencial para que a criança aprenda com alegria e cresça como sujeito ativo, criativo e participativo no mundo em que vive.

De modo geral, os educadores da Educação Infantil reconhecem o valor do brincar como parte essencial do desenvolvimento da criança. Eles compreendem que o jogo não é apenas uma atividade recreativa, mas um instrumento poderoso de formação pessoal, que contribui para a construção da identidade e das relações sociais.

Brincar é algo natural ao ser humano — uma linguagem que nasce com a criança. Desde cedo, ela explora o mundo ao seu redor por meio das brincadeiras, que se tornam seu modo de compreender, expressar e interagir com a realidade. Diversos estudos apontam que crianças que brincam de forma livre e criativa tendem a se tornar adultos mais equilibrados, empáticos e preparados para lidar com os desafios da vida.

As brincadeiras vão muito além da diversão: elas alimentam o pensamento, a imaginação e a inteligência, estimulando o desenvolvimento cognitivo, emocional e social. A criança precisa brincar tanto quanto precisa se alimentar ou descansar; é por meio do jogo que ela cria, experimenta, inventa e aprende. Quando brinca, a criança não apenas se distrai — ela recria o mundo, dá significado às suas experiências e transforma o aprendizado em algo vivo e prazeroso.

Nesse processo, o papel do professor é fundamental. O educador deve utilizar a ludicidade como ferramenta de mediação e aprendizagem, conectando o conteúdo escolar à realidade da criança. O aprendizado significativo acontece quando o aluno consegue relacionar o que vê na escola com o que vive no dia a dia. Caso contrário, o conhecimento se torna algo distante e facilmente esquecido. Como lembra Cardoso (1977, p. 27), "o conhecimento não é imediato; a certeza é a conquista contra a dúvida, o resultado do erro retificado."

Assim, o professor não apenas ensina — ele aprende com seus alunos, observando suas descobertas, dúvidas e formas singulares de pensar. As aulas lúdicas, quando bem planejadas, unem o prazer e o aprendizado, permitindo que a criança perceba que está brincando e, ao mesmo tempo, construindo saberes de forma concreta e significativa. O desafio está em equilibrar leveza e conteúdo, sem esvaziar o ensino, mas tornando-o mais humano e acessível.

As atividades em grupo, especialmente no jardim de infância e na pré-escola, são oportunidades valiosas para ensinar convivência, respeito e cooperação. Ao brincar coletivamente, as crianças aprendem a esperar sua vez, a dividir materiais, a ouvir o outro e a lidar com frustrações e conquistas. Cabe ao professor conduzir essas experiências de forma sensível, garantindo que cada aluno possa participar e se expressar conforme suas habilidades e ritmos.

Nos primeiros anos escolares, é essencial valorizar a individualidade de cada criança, reconhecendo que cada uma possui um jeito próprio de pensar e aprender. Nesse período, em que o aluno começa a desenvolver o pensamento lógico e concreto, o lúdico se torna uma ponte entre o brincar e o aprender, fortalecendo a curiosidade, o raciocínio e a construção do conhecimento de maneira natural, criativa e prazerosa.

Em suma, o brincar é um ato de aprender — e ensinar com ludicidade é acreditar que a infância é o tempo do encantamento, da descoberta e da construção de bases sólidas para toda a vida.

CONCLUSÃO

A vivência da Arte desde os primeiros anos escolares é fundamental para valorizar a cultura, ampliar a percepção estética e desenvolver competências cognitivas, afetivas e sociais. Para uma aprendizagem significativa, é necessário que o educador se comprometa com o planejamento pedagógico, definição de objetivos claros e utilização de

materiais diversificados.
Um dos desafios do Ensino de Artes Visuais é a falta de formação adequada de muitos profissionais, comprometendo a compreensão da disciplina e a interação efetiva com as crianças. O educador deve atuar como mediador, despertando interesse, motivando a criação e promovendo o desenvolvimento das habilidades artísticas e cognitivas do aluno.
A alfabetização deve estar inserida em um contexto de letramento, englobando práticas de leitura, escrita e interpretação de forma significativa e contextualizada. Letramento envolve o uso da leitura e escrita no cotidiano, permitindo que o indivíduo compreenda e interprete o mundo de forma crítica e criativa.
A ludicidade desempenha papel central nesse processo, criando ambientes estimulantes que favorecem a interação aluno-professor e promovem a construção de conhecimento prazerosa e significativa. A formação docente é essencial para garantir a eficácia das práticas, permitindo que os professores atuem de forma investigativa, reflexiva e inspiradora.
Ensinar Arte é ensinar a interpretar o mundo, desenvolver sensibilidade e competências criativas e críticas. O professor deve conhecer profundamente a Arte e a criança, atuando como facilitador do aprendizado e mediador da experiência estética. As aulas devem contemplar Dança, Teatro, Música e Artes Visuais, seguindo as orientações dos PCNs, garantindo que os alunos leiam, sintam e compreendam o mundo.
O ensino de Arte na Educação Infantil é tão relevante quanto alfabetizar, pois permite à criança participar ativamente da construção do conhecimento, compreender sua realidade e desenvolver autonomia, pensamento crítico e sensibilidade artística, preparando-a para os desafios de uma sociedade complexa, plural e diversa.

REFERÊNCIAS

ARNHEIM, Rudolf. Arte e percepção visual: uma psicologia da visão criadora. 3. ed. São Paulo: Pioneira, 1986.
BARBOSA, A.M.T.B. A imagem no ensino da arte: anos oitenta e novos tempos. São Paulo: Perspectiva; Porto Alegre: Fundação IOCHPE, 1991.

_____. Bastos. John Dewey e O Ensino da Arte no Brasil. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2002

_____. Inquietações e Mudanças no Ensino da Arte/Ana Mae Barbosa (org). In: conceitos e terminologias Aquecendo uma transformação: Atitudes e Valores no da Arte. 2 ed. São Paulo: Cortez,2003.

BRASIL, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: Lei 9394, de 20/12/1996. Diário Oficial da União, 20 de dezembro 1996, p.102/126.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares Nacionais para a Educação infantil/ Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC / SEF, 1998.

CAMPOS, José de; TEIXEIRA, Érika Ferraz; GOELZER, Marlene Marica. Arte, infância e formação de professores. SEDUC, encontrado em: http://www.seduc.mt.gov.br/Paginas/Arte,-inf%C3%A2ncia-e-forma%C3%A7%C3%A3o-deprofessores.aspx. Acesso em 20 de julho de 2025.

DONDIS, Adonis A. Sintaxeda linguagem visual. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

FERRAZ, Maria Heloísa C. de T.; FUSARI, Maria F. de Rezende e. Metodologia do Ensino da Arte: Fundamentos e Proposições. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Cortez, 2009.

FREIRE, P. A importância do ato de ler em três artigos que se completam. 28 ed. São Paulo: Cortez, 1993.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. O jogo e a educação infantil. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1994.

PIMENTEL, Lucia Gouvêa. Limites em expansão: Licenciatura em artes visuais. –Belo Horizonte: C/Arte, 1999.

SILVA, Gislene Santos de Paula e, A importância do Ensino de Arte no Contexto escolar do Ensino Fundamental. Especialização em Ensino de Artes Visuais, 2015 – 48f.

TEIXEIRA, Alison. A formação de Arte Educadores e os saberes escolares. X Congresso Nacional de Educação – Educere. Encontrado em: http://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/5130_2534.pdf. Acesso em 20 de julho de 2025.